

Suspeito confessa assassinatos de indigenista e jornalista britânico

DESAPARECIMENTOS NO AMAZONAS

Homem confessou crimes, diz PF

Um dos presos admitiu que Bruno Pereira e Dom Phillips foram assassinados e indicou onde os corpos foram enterrados

O indigenista Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips foram assassinados na Amazônia, conforme apuração da Polícia Federal (PF). Um dos dois suspeitos presos durante a investigação pelo desaparecimento da dupla confessou ter cometido os homicídios. A informação foi revelada às 20h40min de ontem pela superintendência da PF do Amazonas.

Pouco antes, o ministro da Justiça, Anderson Torres, havia se manifestado, em rede social, declarando que foi informado pela PF de "que remanescentes humanos foram encontrados no local, onde estavam sendo feitas as escavações. Eles serão submetidos a perícia". Torres acrescentou que "os responsáveis pelas investigações" concederiam entrevista coletiva, em Manaus, na sequência.

Aos jornalistas, o superintendente da PF no Amazonas, Eduardo Fontes, detalhou a apuração: "Ontem à noite (terça-feira), o primeiro preso, Amarildo (da Costa Oliveira, o Pelado, 41 anos), confessou a prática criminosa. Ele narrou com detalhes o crime e se comprometeu em apontar onde havia enterrado os corpos.

Após obter a informação, equipes da PF se deslocaram, ontem pela manhã, em direção ao local indicado por Amarildo. O suspeito foi levado junto e encaminhado da delegacia de Atalaia do Norte (AM) para o porto da cidade, principal acesso às terras indígenas do Vale do Javari. Uma vez lá, foi colocado em um carro da PF e embarcou usando boné, máscara de proteção facial e um casaco com capuz.

Saímos logo cedo em direção ao local. Ele afundou a embarcação (em que Bruno e Dom estavam), como as investigações mostravam. O local onde os corpos foram enterrados era de difícil acesso. Ficava 3,1 quilômetros mata dentro. Demoramos a conseguir chegar ao local. Não há contato telefônico na área. Lá, foram encontrados remanescentes humanos e as escavações ainda estão sendo realizadas – acrescentou Fontes.

Segundo o superintendente, o objetivo agora é identificar as partes humanas coletadas.

A nova etapa é a identificação. Esses remanescentes humanos serão encaminhados amanhã (hoje) para perícia, em Brasília. A identificação será realizada de acordo com normas interna-

cionais. Em sendo comprovado que são relacionados aos dois (Bruno e Dom), vamos restituir o mais breve às famílias – explicou Fontes.

Provas

Ainda segundo o policial, novas prisões devem ocorrer.

– Agora, vamos descobrir as causas das mortes e dos crimes. Ainda estamos na parte investigativa e realizando diligências, e novas prisões devem ocorrer. Todas as forças de segurança estão unidas e trabalhando de forma ininterrupta. Objetivo é reunir todas as provas de forma segura – acrescentou o superintendente.

Bruno e Dom desapareceram em 5 de junho, quando sumiram na região do Vale do Javari, no Amazonas, perto das fronteiras com Peru e Colômbia. Além de Amarildo, que havia sido preso temporariamente ainda em 8 de junho, um de seus irmãos, Osney da Costa de Oliveira, conhecido como Dos Santos, também foi detido durante as investigações, na última terça-feira.

No domingo passado, a PF informou que havia encontrado um cartão de saúde, uma calça, um chinelo e um par de botas pertencentes ao indigenista, além de um par de botas e uma mochila com roupas de Dom Phillips.

A dupla percorria a região do Vale do Javari. Pereira orientava moradores da região a denunciar irregularidades ambientais cometidas em reserva indígena, e o jornalista estrangeiro, correspondente do jornal britânico The Guardian, acompanhava o trabalho para registrar a apuração em um livro que pretendia escrever. Há cerca de dois meses, Bruno havia recebido ameaças de morte.

Na manhã do dia 5, não muito longe de Atalaia do Norte, testemunhas disseram que viram Amarildo passar de lancha em alta velocidade na mesma direção que Bruno e Dom, pouco antes do desaparecimento.

Na coletiva de ontem, as autoridades se solidarizaram com as famílias de Bruno e Dom.



Agentes da Polícia Federal no porto de Atalaia do Norte

“Esse inglês era malvisto na região”, diz Bolsonaro

O presidente Jair Bolsonaro voltou a emitir comentários, ontem, sobre o desaparecimento do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips. O chefe do Executivo chamou a viagem do repórter inglês de “excursão” e disse que ele era “malvisto” na Amazônia.

– Esse inglês era malvisto na região, fazia muita matéria contra garimpeiros, questão ambiental. Então, naquela região bastante isolada, muita gente não gostava dele. Deveria ter segurança mais do que dobrada consigo próprio – afirmou o presidente.

– Os dois resolveram entrar numa área completamente inóspita sozinhos, sem segurança e aconteceu problema. (...) É muito temerário você andar naquela

região sem estar preparado fisicamente e também sem armamento devidamente autorizado pela Funai, que pelo que parece não estavam – acrescentou Bolsonaro horas antes das revelações feitas pela PF sobre a confissão das mortes por parte de um dos suspeitos.

Narcotráfico

Conforme apuração do jornal O Estado de S. Paulo, cartéis de drogas de Miami, Medellín e Sinaloa mantêm espécie de estado paralelo no entorno do Vale do Javari, onde desapareceram Bruno e Dom, que com seus trabalhos ainda ameaçavam os interesses de garimpeiros criminosos no local.

Boris Johnson se manifesta

Também horas antes de a PF revelar a confissão, o primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, se posicionou, ontem, sobre o desaparecimento do repórter britânico Dom Phillips no Brasil.

Em audiência no parlamento, em Londres, ele se disse “pro-

fundamente preocupado com o que pode ter ocorrido”. Segundo Johnson, autoridades do Reino Unido estão em contato com as brasileiras.

– Dizemos ao Brasil que estamos prontos a prover todo o apoio que eles possam precisar – afirmou Boris.

SUA SEGURANÇA

HUMBERTO TREZZI
humberto.trezzi@zerohora.com.br

Jurado de morte

Fontes revelaram a este colunista que um dos desaparecidos no Amazonas, o indigenista Bruno Pereira, estava jurado de morte. Bruno é funcionário licenciado da Fundação Nacional do Índio (Funai). Tirou licença, sem remuneração, ao ser destituído da função de coordenador-geral da estatal no Vale do Javari, na Amazônia. Tinha caído em desgraça com a nova administração da Funai após deixar furiosos garimpeiros, em setembro de 2019. Ele foi peça decisiva na destruição de 60 balsas que mineravam ilegalmente no rio Jandiatuba, na Terra Indígena Vale do Javari, onde vivem 19 povos indígenas isolados. A mesma região onde Bruno e Dom Phillips agora desapareceram.

A operação virou notícia mundial porque muitos barcos (na realidade, dragas) foram queimados por fiscais da Funai e Ibama. Desde então, Bruno estava jurado de morte. Mineradores se queixaram ao governo federal de abusos na ação. Alguns disseram ter ficado quase pelados, que atravessaram o rio nadando. Dias depois, Bruno foi afastado. Ai decidiu se licenciar da Funai e atuar direto com os índios, em uma ONG.

Bruno também fora ameaçado por ter ajudado na investigação que resultou na apreensão de 300 quilos de carnes de animais raros no Vale do Javari, em abril de 2020. Entre os mais predados estão o tracajá (tartaruga, cujo quilo de carne é vendido a R\$ 100 na região) e o pirarucu (vendido inteiro por cerca de R\$ 1 mil). A suspeita é de que caça e pesca ilegais são usadas para lavar dinheiro do tráfico.

Um total de 250 policiais e militares procuram por Bruno e Dom desde o dia 5, com uso de duas aeronaves, três drones, 16 embarcações e 20 viaturas. Talvez fosse mais inteligente se essa mobilização ocorresse preventivamente na região, antes de sumiços assim.

GZHVeja outras reportagens e atualizações sobre o caso em gzh.rs/amz

